

VICENTE DEL RIO, DANIEL LEVI E CRISTIANE ROSE DUARTE

Percepção de habitabilidade e senso de comunidade:
Aprendendo com a favela Mata Machado, Rio de Janeiro, Brasil

Perceived livability and sense of community:

learning for/from favela Mata Machado, Rio de Janeiro, Brazil

Percepção de habitabilidade e senso de comunidade:

Aprendendo com a favela Mata Machado, Rio de Janeiro, Brasil

Perceived livability and sense of community: learning for/from favela Mata Machado, Rio de Janeiro, Brazil

Vicente del Rio

PhD, Professor Titular, Departamento de Planejamento Urbano e Regional da Universidade Politécnica Estadual da Califórnia, San Luis Obispo. Pós-doutorado no Centro de Desenho Urbano, Universidade do Cincinnati. De 1979 a 2001, ele ensinou na Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal do Rio de Janeiro, Brasil, onde era Professor Titular e ocupou o cargo de vice-diretor e coordenador da graduação. Professor visitante, Programa de Urbanismo da pós-graduação, Universidade Lusófona de Lisboa, Portugal.

PhD, Full professor, City and Regional Planning Department at California Polytechnic State University San Luis Obispo. Post-doctorate at the Center for Urban Design, University of Cincinnati. From 1979 to 2001 he taught at the School of Architecture and Urbanism at the Federal University of Rio de Janeiro, Brazil, where he was Full Professor and served as vice-director and graduate coordinator. Visiting professor, graduate Program in Urbanism, Universidade Lusofona of Lisbon, Portugal.

vdelrion@calpoly.edu; www.vicentedelrio.net

Daniel Levi

PhD, Professor Titular, Departamento de Psicologia e Desenvolvimento Infantil – Universidade Politécnica Estadual da Califórnia, San Luis Obispo .

PhD, Full professor, Psychology and Child Development Department at California Polytechnic State University San Luis Obispo.

dlevi@calpoly.edu

Cristiane Rose Duarte

PhD, Professora Titular, Faculdade de Arquitetura e Urbanismo – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Brasil. Pós-doutorado na Universidade da Califórnia, Berkeley.

PhD, Full professor, School of Architecture and Urbanism at the Federal University of Rio de Janeiro, Brazil. Post-doctorate at the University of California, Berkeley.

crsduarte@gmail.com

Resumo *

Habitabilidade e senso de comunidade tornaram-se noções populares amplamente utilizadas no planejamento e desenho contemporâneos dos Estados Unidos – particularmente no novo urbanismo e no crescimento inteligente. Apesar de serem noções subjetivas cuja eficácia depende fundamentalmente do relacionamento entre usuários e o ambiente construído, a literatura atual nos direciona para princípios e critérios do desenho que são voltados para a ação e que dependem quase exclusivamente de aspectos físicos e mensuráveis. A literatura atual concentra-se num estrato muito limitado de grupos socioeconômicos – de renda média e alta – e em boa parte ignora o que seria habitabilidade e senso de comunidade para populações de renda mais baixa e culturalmente diversas. Isso pode nos levar a resultados imprevisíveis, pois indivíduos e grupos sociais diferentes têm percepções diferentes do que torna uma comunidade habitável, e eles vivenciam o senso de comunidade diferentemente. Neste artigo, exploramos as noções da perspectiva do pobre num contexto sociocultural diverso. Será que os residentes de uma comunidade pobre têm um senso de comunidade mais forte do que aqueles que vivem numa comunidade mais rica, devido a transações ambientais mais intensas? Como a compreensão disso alteraria nossas visões do planejamento e do desenho? Para auxiliar a resposta, realizamos um estudo sobre a favela Mata Machado, um assentamento de ocupantes localizado no Rio de Janeiro. Nossos resultados indicam claramente que algumas variáveis coincidem com a literatura atual sobre novo urbanismo e crescimento inteligente, mas outras apontam fortemente para outras direções que merecem ser estudadas mais a fundo.

Palavras-chave: Habitabilidade. Senso de Comunidade. Favela Mata Machado/RJ

Abstract

Livability and sense of community became popular notions widely utilized in contemporary US planning and design—particularly in new urbanism and smart growth. Although these are subjective notions and their effectiveness depend fundamentally on the relationship between users and the built environment, current literature pushes us towards design tenets and criteria that are action-oriented and rely almost exclusively on physical and measurable aspects. Current literature concentrate on a very limited strata of socio-economic groups—high and middle high income—and mostly ignore what livability and sense of community might be for lower-income and culturally diverse populations. This may lead us to unpredictable results since different individuals and social groups have different perceptions of what makes a livable community, and they experience sense of community differently. In this paper we explore this notions from the perspective of the poor in a diverse socio-cultural context. Would residents of a poor community feel a stronger sense of community than those of a better-off community due to more intense environmental transactions? How would understanding this change our views about planning and design? To contribute toward an answer, we conducted a study of Mata Machado favela, a squatter settlement located in Rio de Janeiro. Our results clearly indicate that some variables do coincide with current literature in new urbanism and smart growth, but others point dangerously to directions worth of further research.

Keywords: Livability. Sense of community. Mata Machado/RJ favela.

* A versão em inglês deste artigo foi publicada em F. Wagner & R. Caves (Eds.) *Community Livability – Issues and Approaches to Sustaining Well-Being of People and Communities* (pp. 99-126). Routledge: London & New York.

Prólogo

Quando fui convidado a submeter um texto para esta edição comemorativa dos Cadernos PROARQ, fiquei comovido com a ideia. Não tinha percebido que fazia mais de vinte anos que eu fora coordenador do PROARQ e iniciara os cadernos e, logo depois, uma série de livros. Na época, o PROARQ estava comemorando sua centésima tese de mestrado, um sinal claro do crescimento, consolidação e expansão do impacto do programa nos campos acadêmico e profissional. Desde a inauguração do PROARQ em 1987, fruto de uma colaboração entre as escolas de arquitetura e urbanismo e de engenharia da UFRJ, o programa adotou uma abordagem pragmática em que a pesquisa reflete a prática, e a prática reflete a pesquisa. Acredito que, especialmente no Brasil, um país com tantas necessidades sociais, a universidade tem a missão ética e moral de reagir a elas e participar das suas soluções. A decisão de submeter este artigo – revisado do seu original, em *Community Livability*, de Wagner e Caves – e apresentá-lo a um público maior reflete a minha crença na importância da pesquisa orientada para a prática e na educação com engajamento social. As favelas existem há tempo demais; elas nos lembram das profundas desigualdades sociais e do desenvolvimento urbano injusto, e infelizmente a globalização tem aumentado essa cisão social. Porém, como muitos observadores notaram, a favela tem muito o que ensinar para os arquitetos e o urbanismo, como seu crescimento “espontâneo”, práticas de autoajuda e auxílio mútuo, valores sociais, relacionamentos das vizinhanças, apropriação do espaço, estética, soluções de desenho, práticas sustentáveis e muito mais. Também devemos aprender com os favelados sobre percepção de habitabilidade e senso de comunidade, qualidades que costumamos tentar suprir pela imposição dos nossos próprios valores e ideias. Este artigo é uma contribuição nessa direção.

Vicente del Rio.

Desenho, Habitabilidade e Senso de Comunidade

Um Novo Paradigma de Projeto

“Habitabilidade” e “senso de comunidade” tornaram-se rótulos atraentes em planejamento e desenho. O novo urbanismo, o crescimento inteligente e, mais recentemente, o urbanismo sustentável e o desenho resiliente os incorporaram; eles fazem parte da maioria das missões para planos e projetos, e o discurso político os adotou nos níveis nacional, regional e local. A perda do senso de comunidade foi definida como o principal problema nas cidades modernas pelos modelos do novo urbanismo e neotradicional e se tornou um objetivo social fundamental no planejamento e desenho contemporâneo (Katz 1993; Duany, Platter-Zyberg e Speck 2001). A habitabilidade tornou-se a quarta variável no famoso modelo de sustentabilidade de Godschalk – ecologia, equidade e economia – que foi transformado de um triângulo em um prisma com habitabilidade no topo (Berke, Godschalk e Kaiser 2006).

Por um lado, isso representa um grande avanço nas nossas disciplinas, pois as decisões de planejamento e desenho passam a ser associadas ao desenvolvimento sustentável, e particularmente aos domínios social e psicológico. Por outro, isso pode representar um problema real e nos levar a mais uma incompatibilidade entre boas intenções e resultados finais. Apesar de termos uma boa ideia do que queremos para nós mesmos e para o lugar onde moramos, as noções de habitabilidade e de senso de

comunidade são, no máximo, vagas. Seus significados são subjetivos, variam com o tempo e dependem somente dos usuários do ambiente construído final. Pessoas diferentes têm percepções diferentes do que torna uma comunidade habitável, portanto elas vivenciam a qualidade e o senso de comunidade de maneira diferente. Como é muito difícil definir habitabilidade e senso de comunidade com a precisão necessária para orientar decisões e ações, o planejamento e o desenho costumam depender demais dos aspectos físicos e de quantidades mensuráveis.

Desde o antigo urbanismo ao modernismo, e também ao novo urbanismo e ao crescimento inteligente, há a firme crença de que melhoras no desenho físico podem levar a mudanças no comportamento social. Isso é mais preocupante hoje devido à expansão de vários critérios previsíveis de “bom” planejamento e desenho urbano, a maioria oriundos de novas teorias urbanistas. Isso é particularmente importante para a maneira como pensamos sobre ambientes residenciais e para o planejamento da escala de uma vizinhança ou da vizinhança imediata de um lar. Uma revisão da literatura sobre planejamento e desenho atuais, ou uma simples análise da Carta do Novo Urbanismo e do material divulgado pelo Congresso para o Novo Urbanismo, dos Princípios para o Crescimento Inteligente, das orientações para uma Vizinhança-LEED, e de outras estruturas baseadas em valores indicam claramente essa tendência. O novo urbanismo tem sido apresentado como uma redescoberta das tradições que moldaram as comunidades mais memoráveis e habitáveis (Bressi 1994; Dutton 2000), e isso fomentará o retorno de “um estimado ícone americano: o de uma comunidade compacta, muito próxima” (Katz 1994, ix).

O problema é que a doutrina social do novo urbanismo foi traduzida em um manifesto de desenho popular e que “a prescrição social do novo urbanismo se baseia no determinismo espacial” (Talen 1999, 1.364). Brown e Cropper (2001) enfatizam os riscos de presumir uma correlação direta entre desenho e metas sociais e psicológicas, algo que os adeptos do novo urbanismo sugerem em seu desenho. O New Urbanism Index of Neighborhood Characteristics (“Índice de Características da Vizinhança do Novo Urbanismo”) de Patterson e Chapman, que surgiu a partir de uma análise do conteúdo dos conceitos de novo urbanismo encontrados na literatura, inclui vinte e nove itens, e todos refletem características do desenho físico (Patterson e Chapman 2004). A ênfase no desenho e nos aspectos mensuráveis também é encontrada nos princípios do Instituto Americano de Arquitetos (AIA) para as comunidades habitáveis, nas 101 Políticas for Implementation da Smart Growth Network, nas ideias do Centro para Comunidades Habitáveis da Local Government Commission, e nos critérios da Associação de Planejadores Americanos (APA) para avaliar boas vizinhanças¹.

Em geral, as doutrinas e orientações mais populares do desenho para um ambiente habitável e um senso de comunidade se baseiam numa abordagem determinística que presume que o ambiente construído é o determinante primário do comportamento e da satisfação dos humanos. Num estudo recente sobre quinze comunidades planejadas nos Estados Unidos, Brower (2005) concluiu que, apesar de um desenho unificado ajudar a criar a comunidade, um cenário social adequado requer muito mais do que a adoção de certos critérios de desenho. A presunção da “força do desenho” na criação da comunidade e na determinação não é diferente das teorias modernistas erradas de

¹ O texto Livability 101: What Makes a Community Livable (2005) da AIA está disponível em: <http://www.aia.org/liv2_template.cfm?pagename=liv_liv101> (acesso em 15/08/08); o texto Getting to Smart Growth – 100 Policies for Implementation (volume I, 2002; volume II, 2003) da Smart Growth Network está disponível sob requisição para o International City/County Management Association (www.icma.org); o Local Government Commission encontra-se em www.lgc.org; os critérios da APA para bairros excelentes são citados no artigo “Great Neighborhoods” de Mark Hinshaw, na revista Planning de janeiro de 2008.

Le Corbusier e da Carta de Atenas. O que é particularmente perturbador é que, assim como já aconteceu na história do planejamento e do desenho, estamos correndo o risco de impor um novo paradigma e um novo conjunto de valores e modelos como remédios que curarão as doenças urbanas e que nos levarão a ambientes construídos idealizados. Portanto, precisamos começar perguntando o que as pessoas para quem o planejamento e o desenho são feitos consideram bom e ruim no ambiente. O que elas entendem por habitabilidade e comunidade?

Características da Habitabilidade

Quais são as características que tornam um ambiente habitável para as pessoas? Na literatura das ciências sociais clássicas, a habitabilidade é descrita como “a soma total das qualidades do ambiente urbano que tendem a induzir no cidadão um estado de bem-estar e de satisfação” (Sanders 1966, 13). Na escala local, a habitabilidade é melhor definida pela qualidade de vida de um grupo de pessoas que vive num espaço particular (AIA 2005; Gutberlet e Hunter 2008). Ambientes habitáveis são lugares de que as pessoas gostam, em que elas satisfazem suas necessidades, que estimulam a saúde humana e que contribuem para um sistema ambiental sustentável. Pesquisadores e governos têm usado uma variedade de indicadores para avaliar a sustentabilidade e a habitabilidade das comunidades. Neste artigo, a habitabilidade dos ambientes residenciais está relacionada às características que estimulam a satisfação residencial, um senso de comunidade e a sustentabilidade ambiental.

Pesquisas sobre comunidades dos Estados Unidos sugerem que a satisfação residencial está relacionada principalmente a quatro fatores: a condição física dos prédios; o tamanho das residências e como elas são estruturadas para lidar com aglomerações e privacidade; segurança e percepção de segurança; e relacionamentos com vizinhos (Bell et al 2001; Brower 1996 e 2005). A condição física dos prédios diz respeito à qualidade dos materiais, da construção e do desenho da residência e de sua manutenção. Aglomerações dizem respeito à densidade residencial e ao modo como a residência estrutura o espaço de maneira a dar às pessoas o controle sobre suas interações sociais (Evans, Lepore, e Schroeder 1996). Percepções de segurança estão relacionadas ao nível de crime na área, ao medo social do crime e às características físicas e sociais da vizinhança que criam um espaço defensável (Taylor, Gottfredson e Brower 1984). Bons relacionamentos com os vizinhos criam apoio emocional e social para os residentes e são estimulados por uma variedade de características de desenho do bairro, tais como walkability (grau de facilidade para andar), densidade e espaços sociais locais como lojas, parques e áreas de recreação (Brown e Cropper 2001).

Uma pesquisa sobre satisfação residencial mostra que as pessoas diferem quanto às suas preferências residenciais (Brower 1996). Não é uma medida do ambiente, e sim uma medida da adequação ou congruência entre o indivíduo e o ambiente. Por exemplo, boas relações com os vizinhos são mais importantes em moradias de baixa renda do que para residentes mais ricos (Amerigo e Aragones 1997). Uma das razões para essa preferência é que os residentes de baixa renda dependem mais do apoio social e da vigilância da comunidade para obter um senso de segurança (Leeds 1969; Leeds & Leeds 1978; Perlman 1976; Wilson-Doenges 2000). Acesso a transporte público também é mais importante para residentes de baixa renda, pois eles não têm condições financeiras de comprar carros.

Um senso de comunidade inclui interações com os vizinhos e um vínculo cognitivo e emocional com as pessoas e o lugar. Os benefícios da vizinhança e de um senso de comunidade incluem maior satisfação residencial, participação na comunidade, percepção de segurança, vínculo e apoio sociais, e percepção de controle em relação ao ambiente (Under e Wandersman 1985). Em um nível cognitivo e emocional, um senso de comunidade está relacionado ao senso de ser membro de algo e de pertencer a algo, à influência sobre o que acontece na comunidade, à satisfação de necessidades e ao compartilhamento de vínculos emocionais entre os residentes (McMillan e Chavis 1986). As pesquisas mostram uma ligação entre desenho residencial e vizinhança, mas a ligação entre desenho e senso de comunidade é pequena (Talen 1999). O senso de comunidade também está relacionado a variáveis que não estão relacionadas ao desenho, como homogeneidade dos residentes e tempo morando no local.

A importância da vizinhança e do senso de comunidade e a relação disso com o ambiente diferem de acordo com os tipos de pessoas. Apesar de todas as comunidades se basearem em pessoas que compartilham interesses e valores comuns, também existem comunidades de local (McMillan and Chavis 1986)².

Essas comunidades são formadas por relações sociais entre vizinhos e outros residentes que moram numa área geográfica reconhecível, sustentada por várias características ambientais (Nasar e Julian 1995). Residentes de baixa renda têm mais probabilidade de focar na comunidade de lugar e consideram as relações entre vizinhos mais importantes (Amerigo e Aragoes 1997).

A sustentabilidade ambiental diz respeito aos impactos ambientais dos ambientes residenciais e ao relacionamento entre características ambientais e saúde e satisfação humanas. O desenvolvimento sustentável está relacionado aos desenhos urbanos que diminuem o consumo de energia e de recursos e a poluição (Jabareen 2006). Os conceitos de desenho sustentável incluem compacidade e densidade, uso misto da terra, transporte sustentável e integração da natureza ao ambiente urbano. Compacidade e densidade minimizam a expansão e o uso do transporte, protegem o ambiente rural dos arredores e reduzem o consumo de energia e a poluição. O uso misto da terra reduz o uso de carros para ir trabalhar, fazer compras e recreação. O transporte sustentável usa caminhada, bicicletas e transporte público para reduzir o consumo de energia e a poluição. Especialmente em comunidades de baixa renda, as chaves para o transporte sustentável são conveniência, segurança e preço acessível. Áreas naturais no interior e nos arredores da comunidade reduzem a poluição e ajudam a preservar a diversidade ecológica.

As características do desenvolvimento sustentável têm efeitos fisiológicos, psicológicos e sociais que são importantes para os residentes. Apesar de a densidade aumentar a aglomeração, ela ajuda a estimular o relacionamento entre vizinhos e do senso de comunidade (Brown e Cropper 2001). O uso misto da terra também foi associado a um aumento nas interações sociais na vizinhança e no senso de comunidade (Nasar e Julian 1995). O transporte sustentável promove as interações na vizinhança e a saúde humana (Frank, Engelke e Schmid 2003). Ambientes naturais em áreas urbanas aumentam as interações na vizinhança e a segurança (Kuo, Bacaicoa e Sullivan 1998), reduzem estresse e estimulam a saúde (Ulrich 1984).

A qualidade de vida de um ambiente residencial está relacionada a uma variedade de fatores que afetam a satisfação residencial, o senso de comunidade e a sustentabilidade ambiental.

² Em uma comunicação pessoal, Sidney Brower (por e-mail; 02/09/09) sugeriu que os interesses comuns de uma comunidade podem se “originar especificamente da moradia em conjunto (por exemplo, companhia ou bons vizinhos); pessoas que moram no mesmo lugar podem ou não ter fortes interesses baseados no local (podem não ser bons vizinhos) ou podem ter interesses adicionais em comum (como estilo de vida ou ser membro de uma igreja)”.

Habitabilidade como uma Relação entre Pessoa e Ambiente

O relacionamento do ambiente com a satisfação residencial e o senso de comunidade depende de uma variedade de características psicológicas, sociológicas e culturais dos residentes (Under e Wandersman 1985; McMillan e Chavis 1986; Brower 1996 e 2005; Talen, 1999; Brown e Cropper 2001). A qualidade de vida é um resultado da transação entre as pessoas e o ambiente. A perspectiva transacional enfatiza que os fatores ambientais, psicológicos e comportamentais têm um relacionamento recíproco entre si (Altman e Rogoff 1987). O ambiente afeta a maneira como as pessoas vivem e agem, e as pessoas mudam o ambiente para adequá-lo às suas necessidades e ao seu estilo de vida.

A habitabilidade está relacionada à adequação ou congruência entre as pessoas e o ambiente delas. As pessoas não aceitam passivamente o ambiente em que estão. Se têm condições financeiras, elas se mudam para um ambiente mais adequado às suas expectativas e necessidades; se são pobres e não têm recursos para isso, elas modificam o ambiente para adequá-lo às suas necessidades. Os ambientes variam em relação ao quanto eles atendem às necessidades dos usuários ou estimulam certos tipos de comportamento, e as pessoas variam em relação aos seus desejos, necessidades e objetivos. Portanto, não existe um único tipo de ambiente que seja melhor em relação à habitabilidade; existem vários tipos relacionados às diferenças entre as pessoas. Acadêmicos e planejadores também discordam quanto a melhor forma urbana de estimular a sustentabilidade (Jabareen 2006).

A análise de Brower (1996) sobre vizinhanças residenciais de sucesso em áreas urbanas sugere uma tipologia de modelos alternativos de vizinhanças urbanas habitáveis. A preferência pelos tipos diferentes de vizinhanças depende das características dos residentes e do contexto urbano que os cercam. Esses tipos sugerem que há uma variedade de abordagens para a criação de ambientes habitáveis. Na tipologia de Brower, o tipo de vizinhança mais semelhante à favela é a “vizinhança das pequenas cidades”, que também é semelhante ao desenho neotradicional e ao novo urbanismo. É o uso misto com usos comerciais, tipicamente no centro ou nas principais vias públicas, que a conectam ao exterior. A vizinhança é autocontida e apenas parcialmente aberta à cidade exterior. Consequentemente, a área comercial depende dos residentes locais, e não dos clientes externos. Ela tem um forte senso de comunidade – os residentes se conhecem, há áreas de socialização comuns, e ela costuma se distinguir e se unir por uma forte identidade local. Uma vizinhança de uma cidade pequena é um ambiente em que é possível caminhar, apesar de os residentes terem carros que usam para ir ao trabalho ou fazer compras.

Uma vizinhança de cidade pequena caracteriza mais a classe trabalhadora do que a classe média. Essas vizinhanças costumam atrair imigrantes e minorias que dependem do apoio social fornecido pela vizinhança. Apesar de esse desenho ser popular entre urbanistas contemporâneos (especialmente adeptos do novo urbanismo), a vizinhança de cidade pequena tem vários problemas potenciais. A maioria dos habitantes faz suas compras usando carros em lojas maiores para poupar, então as lojas locais costumam perder viabilidade. As fortes redes sociais locais que fazem o ambiente funcionar requerem uma população residente estável. Quando a população muda frequentemente, há menos oportunidade para um senso de comunidade se desenvolver e menos apoio para as lojas locais. Devido às melhorias no transporte e na comunicação, os residentes podem ter interesses e relacionamentos sociais que não são locais, reduzindo o desejo por interações na vizinhança e por um senso de comunidade.

A Favela Mata Machado no Rio de Janeiro Brasil

Uma Retrospectiva das Favelas

As imagens mais duradouras do Rio de Janeiro são suas montanhas, belas praias e paisagens tropicais, mas também suas diversas favelas, a palavra que costuma se usar no Brasil para assentamentos de ocupantes ilegais. Originalmente, a palavra favela indicava um grupo de barracas ou prédios malconstruídos em terrenos que não eram legalmente possuídos pelos residentes, sem infraestrutura pública nem serviços como abastecimento de água, esgoto e coleta de lixo (del Rio 2005)³.

A representação social das favelas como um assentamento espontâneo e anti-higiênico, formado por imigrantes desorganizados sem vínculos com a vida urbana, e a de favelados como marginais prevaleceram na sociedade até metade da década de 1970 (Perlman 1976; Valladares 2005), orientando políticas públicas, habitações públicas e os programas de erradicação de favelas. No fim dos anos sessenta e no início dos anos setenta, uma nova pesquisa social mudou essa compreensão ao mostrar que um assentamento de ocupantes não era um problema, e sim uma solução funcional para os seus residentes (Mangin 1967; Turner 1969; Leeds 1969; Perlman 1976; Leeds e Leeds 1978). Uma favela provê fácil acesso a serviços e trabalhos próximos, livre acesso ao terreno e uma rede social coesa de que os residentes podem depender para satisfazer suas necessidades comuns. Pesquisas mostraram que essas localidades têm uma rede complexa de relações internas e coesão social devido aos sonhos, origens e necessidades comuns, à autoajuda, às iniciativas da comunidade para melhorar a residência e o local, e às alianças políticas para combater o governo contra o despejo.

No início dos anos oitenta, movimentos sociais urbanos tornaram-se catalisadores contra programas governamentais que erradicavam as favelas, lutando para regularizar a posse da terra e para dar aos favelados o direito à cidade, assim como qualquer outro cidadão (Valladares 2005; del Rio 2009). Desde então, a estrutura teórica prevalente trocou a teoria da marginalidade para a da exclusão social e ambiental, em que indivíduos são “restringidos ou impedidos de ter acesso a serviços públicos, mercadorias, atividades ou recursos” (Gutberlet e Hunter 2008: 4). A Constituição Federal de 1988 reconhece o direito dos cidadãos à cidade e seus serviços, e protege os direitos dos ocupantes de adquirir o domínio da área após cinco anos de ocupação irrefutável (Fernandes 2007; del Rio 2009). Em 2000, uma emenda constitucional listou a moradia como um direito social básico de todos os cidadãos, juntamente com educação, saúde, trabalho, segurança, previdência social e proteção à maternidade e à infância. A favela finalmente foi reconhecida pela sociedade, assim como os investimentos coletivos e individuais dos favelados. O respeito por essas comunidades e o reconhecimento do valor delas também foi uma maneira de lidar com a enorme demanda do Brasil por moradia.

Nas últimas duas décadas, com o fim do fantasma do despejo e o clima político favorável, os favelados investiram na qualidade de suas casas e comunidades. Os governos local e estadual também têm investido em programas para expandir serviços sociais públicos e de infraestrutura às favelas. Atualmente, o único aspecto comum entre as favelas é a ausência de títulos de propriedade formais dos residentes, apesar de eles serem protegidos pela lei e por sua situação de facto. Enquanto existem favelas extremamente pobres de barracas de madeira ao longo de rios e vias férreas nos arredores do Rio, também existem favelas em boas condições, em que as construções são feitas de tijolos e argamassa, com acesso da comunidade a todos os serviços públicos. Muitas favelas são extremamente dinâmicas e funcionam quase como pequenas cidades,

³ Para as origens, as dinâmicas e os aspectos principais das favelas do Rio, ver por exemplo: Perlman 1976, Pino 1997, Neuwith 2005, e Fabricius 2008. Para a formação e a evolução da favela como uma representação sociológica, ver Valladares 2005.

sendo possível encontrar diversos serviços, lojas, hotéis, bares, serviços públicos e até mesmo bancos e agências de correios. Santa Marta, uma favela de 10.000 residentes em Botafogo, um bairro de classe média alta, oferece internet wireless gratuita para a comunidade inteira. Rocinha, uma favela de quase 70.000 residentes que se estende de São Conrado até a Gávea, dois bairros de classe média alta, possui centenas de estabelecimentos formais como bancos, farmácias, médicos e dentistas, uma franquia da McDonald's, uma agência de correios e linhas de ônibus internas, além de uma estação de rádio, um portal da web e um canal de TV a cabo operados pela comunidade.⁴ Em 2010, o estado inaugurou um complexo de 14.000 m² com campo de futebol, piscinas, uma área de estacionamento e vários ambientes, oferecendo 22 tipos de esportes aos residentes da Rocinha, que o consideram não somente um bem recreativo, mas também uma oportunidade de sucesso pessoal.

Dados disponíveis indicam que, nas últimas décadas, houve um aumento na qualidade de vida dos favelados do Rio de Janeiro, particularmente em relação ao acesso a serviços públicos e a empregos. As causas principais foram a nova constituição, a expansão da cidadania, as mudanças econômicas que interromperam a espiral inflacionária e o aumento do poder de compra dos mais pobres. Um estudo de Cavallieri e Oliveira (2006) mostra a evolução dos indicadores de qualidade de vida nas favelas. Enquanto em 1960 apenas 16% das unidades residenciais da cidade estavam ligadas a uma rede de água potável, 79% tinham eletricidade, e 1% dos favelados tinham completado mais de oito anos de ensino, em 2000 esses números saltaram para 92%, 99% e 14%, respectivamente.

Em 2000, 81% dos domicílios nas favelas eram possuídos por famílias que moravam nelas, 76% tinha acesso a um sistema de coleta de esgoto e 98% tinha acesso a coleta de lixo. Outra pesquisa recente conduzida pela socióloga Alba Zaluar em várias favelas do Rio mostrou que 94% dos domicílios tinham televisão, 59% tinham aparelho de DVD, 55% tinham celulares e 12% tinham computadores.⁵ O estudo também mostrou que somente 15% dos entrevistados gostariam de se mudar da favela, revelando um grande apego ao local e à comunidade.

Além da expansão da noção dos direitos à cidade e das melhores condições de vida em geral, dois grandes fenômenos continuam afetando as favelas do Rio. Primeiramente, a demanda por moradia adequada e de preço acessível continua a aumentar. A crise econômica da década de 1980 e a implosão do aparato estadual depois da redemocratização do Brasil acabou com as antigas soluções de moradia organizadas pelo governo.⁶ Ao mesmo tempo, o mercado foi afetado pelos preços inflados dos imóveis e dos terrenos. Enquanto o crescimento da população nas favelas do Rio tem diminuído nos últimos quarenta anos, ele continua significativamente maior do que o de uma "cidade formal": 2,4% versus 0,4% entre 1999 e 2000 (Cavallieri e Oliveira 2006). Em 2010, a cidade do Rio de Janeiro tinha mais de 6,3 milhões de residentes, dos quais 20% viviam nas quase mil favelas, de acordo com dados do censo e estimativas da cidade.⁷

Devido às condições morfológicas, à acessibilidade difícil e à ausência histórica do estado e dos serviços públicos em seus territórios, as favelas do Rio se tornaram centros estratégicos para o tráfico e distribuição de drogas. As gangues controlam a maioria das favelas pelo terror, disputam seus territórios e vitimam as comunidades. Porém, os favelados também temem a polícia devido à sua brutalidade indiscriminada, à cor-

⁴ Ver a descrição da vida na Rocinha feita por Neuwith (2005).

⁵ Resultados de uma pesquisa citada em um artigo publicado no jornal O Globo, 21/08/2007, página 16.

⁶ Para a descrição da evolução dos programas e políticas estaduais para moradias de baixa renda, ver Azevedo (1999).

⁷ Ver Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística <<http://www.ibge.gov.br>> e <<http://www.armazemdedados.rio.rj.gov.br>> (acesso em 18/05/11).

rupção e às operações malconduzidas no interior dos assentamentos. Na sua pesquisa original de 1969, Perlman descobriu que somente 16% dos favelados afirmavam que “crime e violência” eram suas maiores reclamações sobre o Rio, mas em seu segundo estudo, de 2003, o número de entrevistados que afirmou isso passou para 60% (Perlman 1976 e 2003). Isso é particularmente verdadeiro em favelas que têm fácil acesso a grandes mercados de consumidores de drogas, como os bairros mais nobres do Leblon, Ipanema e Copacabana.

A recente política de segurança pública chamada de Unidade de Polícia Pacificadora – UPP lança uma nova perspectiva sobre a questão. A fim de aumentar a segurança para a Copa do Mundo de 2014 e para os Jogos Olímpicos de 2016, ações coordenadas entre os três níveis de governo (municipal, estadual e federal) reprimiram fortemente o narcotráfico em várias favelas, expulsando-o e deixando no seu lugar unidades policiais de treinamento especial, as UPPs⁸. Em 2011, 17 favelas já eram atendidas por essas unidades cuja missão é impedir a volta do crime organizado, apoio comunitário e fortalecimento do acesso a programas sociais. Infelizmente, como muitos críticos previram, depois dos Jogos Olímpicos de 2016 as UPPs perderam o embalo político e começaram a sofrer com a falta de financiamento, o aumento da corrupção e a ineficiência governamental.

Apesar de as UPPs terem causado impactos negativos imprevistos, como o aumento de 400% no preços dos imóveis nas favelas com UPPs (expulsando os mais pobres e os inquilinos) e o rápido aumento do turismo nacional e internacional atraído por seu exotismo, o programa obteve sucesso e foi bem aceito tanto pelas comunidades quanto pela população em geral.⁹ Um estudo de 2010 mostrou que a maioria dos residentes das favelas com UPPs aprovavam o programa, achavam que as comunidades estavam mais seguras, e eles se sentiam mais respeitados como indivíduos na sociedade e estavam felizes por poderem andar livremente e deixar seus filhos brincarem em segurança, sem o domínio do narcotráfico.¹⁰ Esses indicadores certamente afetam a habitabilidade e o senso de comunidade.

Origem e Evolução da Comunidade Mata Machado

Oficialmente rotulada de favela, a comunidade Mata Machado localiza-se no bairro de Alto da Boa Vista, no Rio de Janeiro, num pequeno vale no meio das montanhas, cercada pela Floresta da Tijuca, a maior floresta urbana do mundo com aproximadamente 33.1 km². Listada como parque nacional desde 1961, a floresta é uma das maiores atrações turísticas e recreativas do Rio, e suas principais entradas não ficam distantes da comunidade Mata Machado. A entrada principal da comunidade encontra-se na Estrada de Furnas, a única via principal que liga a Tijuca, um dos bairros residenciais de classe média mais tradicionais da cidade, à Barra da Tijuca, um bairro modernista planejado por Lúcio Costa no fim dos anos sessenta e a maior expansão da área do Rio para o oeste. A comunidade Mata Machado é delimitada pela Estrada de Furnas, dois rios (Cachoeira e Gávea Pequena), uma área de preservação, uma pequena área residencial composta principalmente de residências familiares, e uma propriedade cercada (Figuras 1 e 2).

⁸ Ver, por exemplo, o website oficial da polícia estadual em <http://upprj.com>. Christopher Gaffney, um professor visitante da Universidade Federal de Niterói – Brasil, tem um artigo de opinião interessante sobre as UPPs em www.geostadia.com/2010/08/unidades-de-policia-pacificadora-police.html (acesso em 18/05/11).

⁹ Os dados sobre os preços dos imóveis são do jornal O Globo. Ver < <http://oglobo.globo.com/rio/mat/2010/05/29/imoveis-em-favelas-com-upp-sobem-ate-400-916732643.asp> > (acesso em 19/05/2011).

¹⁰ Pesquisa contratada pelo jornal O Globo do Instituto Brasileiro de Pesquisa Social, publicada em janeiro de 2010. Download em http://www.ibpsnet.com.br/v1/index.php?option=com_content&view=category&layout=blog&id=34&Itemid=57 (acesso em 18/05/2011).



FIGURA 1 - Uma vista aérea mostra que a favela Mata Machado é limitada pela floresta (na direita e na parte superior da foto), pelo rio Gávea Pequena (corredor florestado no centro) e pela Estrada de Furnas (na parte inferior).

Fonte: Osvaldo L. de Sousa Silva.

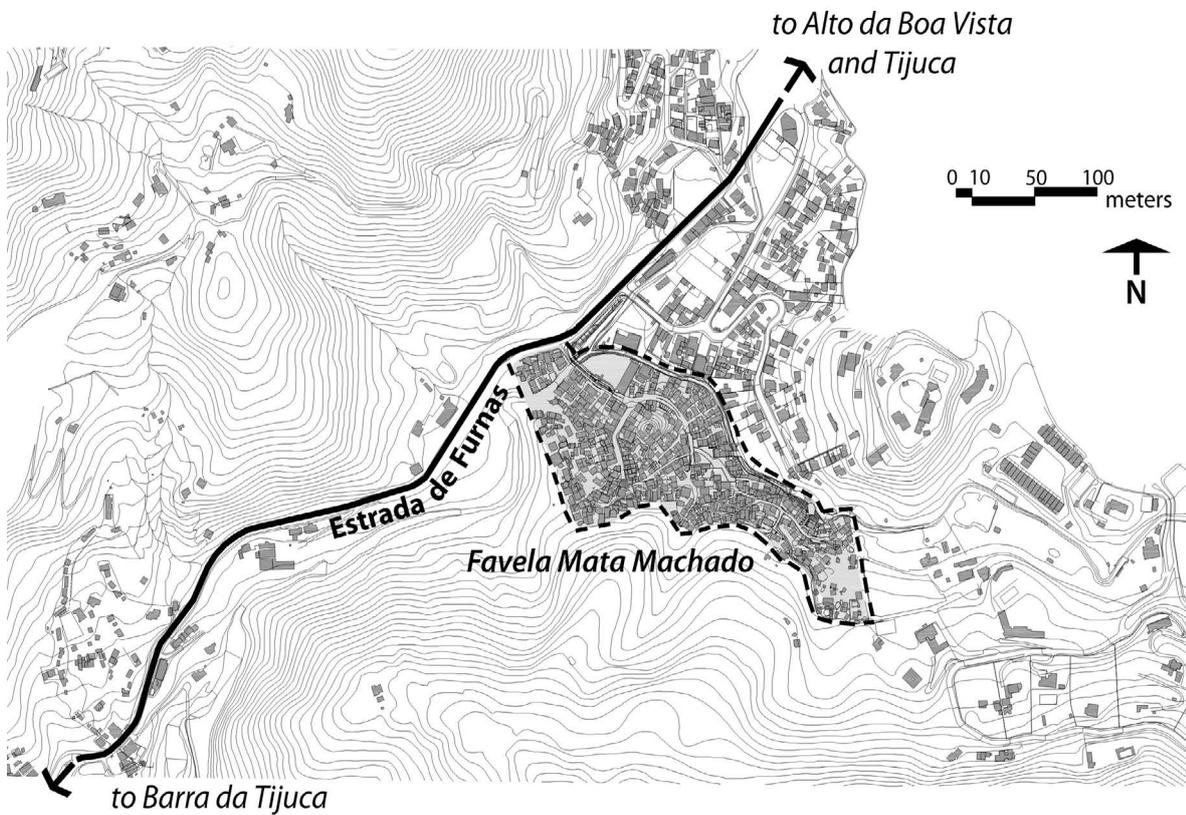


FIGURA 2 - Planta da Comunidade Mata Machado.

Fonte: Mapa de Rodrigo Sgarbi, adaptado por Vicente del Rio.

Percepção de habitabilidade e senso de comunidade:
Aprendendo com a favela Mata Machado, Rio de Janeiro, Brasil

Perceived livability and sense of community: learning for/from favela Mata Machado, Rio de Janeiro, Brazil

A comunidade Mata Machado foi ocupada primeiramente por migrantes de São Fidélis, uma municipalidade agrícola no norte do estado do Rio de Janeiro, na década de quarenta (Duarte e al 1995). Em busca de oportunidades de trabalho e melhores condições de vida, o grupo serviu de cabeça de ponte para outras famílias. Os recursos naturais do local, a floresta e a abundância de água potável das fontes beneficiou os pioneiros, que utilizaram a madeira local para construir suas barracas (Duarte e Brasileiro 2011). Na década de cinquenta, os residentes da favela Mata Machado abandonaram a agricultura para trabalhar no setor industrial local em expansão e em algumas fábricas médias no bairro do Alto da Boa Vista. Talvez a mais importante fosse uma fábrica de produtos de papel (que posteriormente foi transformada numa fábrica de discos de vinil) localizada entre a Estrada de Furnas e a comunidade.

Na década de sessenta, o crescimento da cidade e a expansão do mercado imobiliário estimulou o desenvolvimento de moradias de alta e média renda nos arredores da favela. Apesar de isso aumentar as oportunidades de trabalho para os residentes – particularmente trabalho doméstico e de construção –, a favela também passou a ser estigmatizada como algo “feio” que desvalorizava as propriedades ao seu redor. A associação de residentes da favela Mata Machado conseguiu convencer políticos e funcionários do governo a poupar a comunidade das políticas de despejo da cidade e, na década de setenta, conduziu uma série de iniciativas de autoajuda com custos compartilhados para melhorar a favela, incluindo a instalação de centenas de metros de esgoto e canos de água, além de redes de energia elétrica ligadas à rede pública principal. Essas soluções não foram necessariamente boas para o meio ambiente. Por exemplo, os canos de esgoto desembocavam nos rios locais devido à ausência de um sistema de coleta de esgoto público nas redondezas. As obras da comunidade, a luta contra o despejo e a ciência a respeito da necessidade de união e organização da comunidade fortaleceu o apego ao local e a coesão social na favela Mata Machado. De acordo com Soares (1999), a força e a importância da associação de residentes também ajudaram a limitar a emergência de grupos ligados ao tráfico de drogas na favela – um fato que verificamos durante o nosso trabalho de campo.

Depois do enfraquecimento do regime militar brasileiro e do retorno à plena democracia na década de oitenta, a favela Mata Machado foi deixada em paz e continuou prosperando como uma comunidade forte. No meio da década de noventa, quando nasceu a segunda geração dos descendentes dos primeiros ocupantes, a comunidade foi incluída no Favela-Bairro, um importante programa municipal para melhorar pequenas favelas, integrá-las à “cidade formal” e transformá-las em bairros (Duarte e Magalhães 2009). O Favela-Bairro tinha o objetivo de dar às comunidades infraestrutura e instalações públicas, mais acessibilidades e títulos de propriedade, mas no caso de Mata Machado somente parte das propostas foi construída (Duarte e al 1995; Duarte e Magalhães 2008). Por exemplo, apesar de todas as unidades de habitação estarem ligadas a um sistema de esgoto encanado instalado na cidade, o esgoto é despejado sem tratamento no rio, pois ele jamais foi ligado às linhas principais na Estrada de Furnas. Mais importante, os residentes nunca receberam títulos de propriedade, um dos objetivos mais importantes do programa original. No entanto, a comunidade considera que todas as melhorias recebidas foram um resultado do trabalho da associação de residentes, que os representou legitimamente durante todos os períodos difíceis que eles enfrentaram (Duarte e Brasileiro 2001).

Origem e Evolução da Comunidade Mata Machado

Quando alguém dirige pela Estrada de Furnas e para na entrada principal da comunidade Mata Machado, é possível ver de imediato grande parte do assentamento, subindo graciosamente pelo morro com seus espaços se misturando aos arredores esparsamente urbanizados e densamente florestados (Figura 3). Um rio que nasce num nível mais alto das montanhas, não muito longe da comunidade, corre entre o assentamento e a Estrada. Em uma de suas margens, a cidade está substituindo a antiga fábrica abandonada por uma escola primária. Espera-se que o campo de futebol seja refeito e que o espaço aberto seja equipado depois do fim da construção. Devido ao clima montanhoso do local (muito mais fresco do que nos vales inferiores do Rio) e da presença constante de florestas e árvores que cercam a favela (espalhadas em espaços públicos e em quintais privados), sente-se a forte presença da natureza na Mata Machado.

FIGURA 3 - Entrada principal da Mata Machado, na Estrada de Furnas. O assentamento reflete a topografia e é cercado pela floresta onipresente.

Fonte: Cristiane Duarte.



A principal via que leva à favela começa na Estrada de Furnas e vai até o seu espaço aberto central, que a comunidade chama de “praça” (Figura 4). Nela, encontram-se residências de três andares, vários bares e lojas vendendo comida, produtos agrícolas, mercadorias em geral e roupas, além de lojas de serviços como consertos de eletrônicos e televisões e pequenos templos religiosos. O uso comercial não parece se interessar muito pelos espaços abertos criados informalmente pelos becos sinuosos. Eles ficam mais escassos à medida que se entra mais no assentamento. Os limites da praça são ocupados principalmente por residências, mas também há um centro comunitário (um prédio de três andares com a associação de residentes e vários escritórios de uma agência estadual de desenvolvimento da comunidade), algumas lojas pequenas, uma pequena construção usada como delegacia, uma creche e uma escola primária – as duas últimas administradas pelo governo municipal.

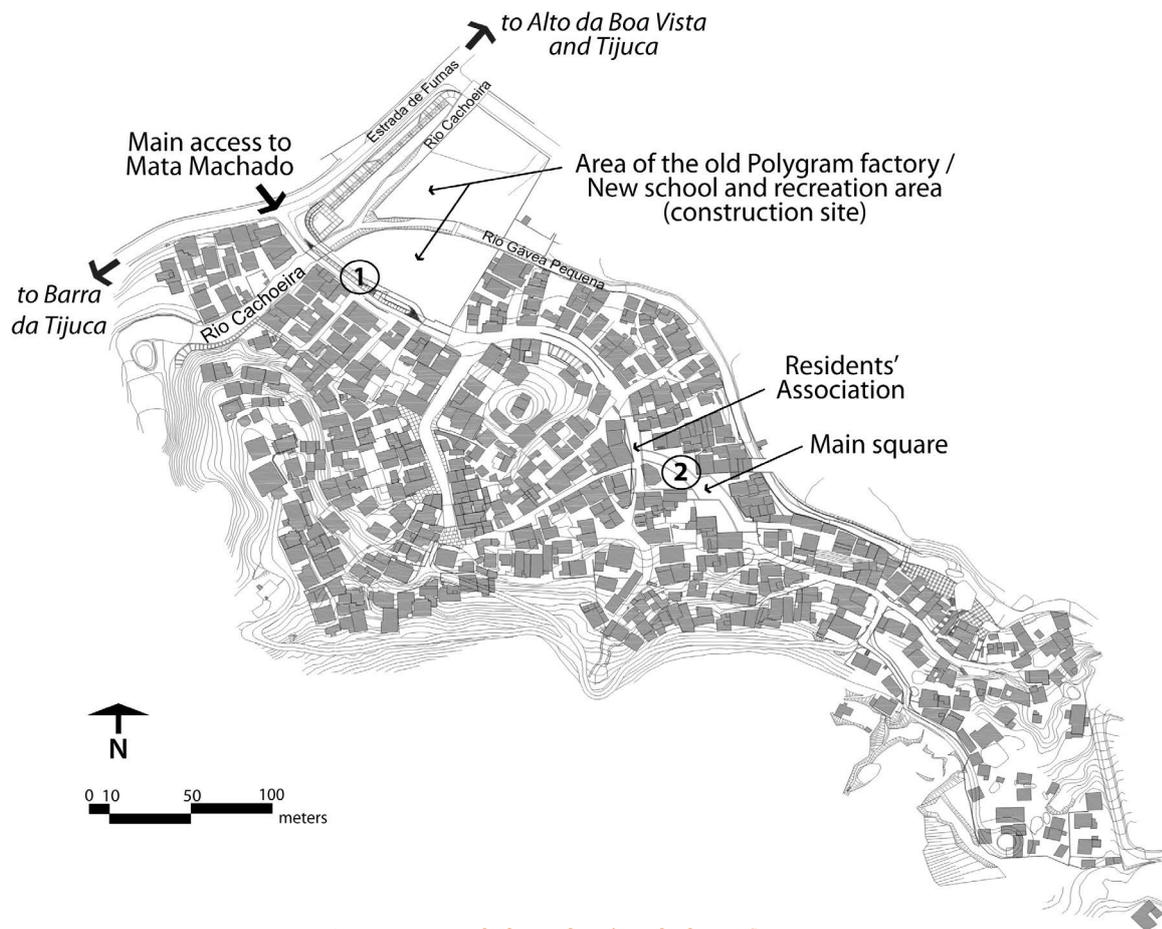


FIGURA 4 - Mata Machado e as duas áreas de observações comportamentais.

Fonte: Mapa de Rodrigo Sgarbi, adaptado por Vicente del Rio.

Confirmando as nossas percepções do trabalho de campo, um estudo recente sobre as características socioeconômicas das favelas na cidade listou a favela Mata Machado nos níveis mais elevados em comparação a outras comunidades, tendo o status socioeconômico médio da região metropolitana do Rio (Cunha 2002). A comunidade tem menos dependentes (membros da família com menos de 15 anos de idade), mais residentes idosos e menos pessoas que não leem nem escrevem do que outras favelas. Mais de 45% da força de trabalho era contratada, 16% trabalhava de maneira independente, e somente 28% dos chefes de família estavam sem emprego. O nível de pobreza da comunidade Mata Machado está entre os menores das favelas do Rio.

Além de ser uma comunidade de lugar, os residentes da favela Mata Machado também pertencem a muitas outras comunidades de interesse que se originam tanto dentro quanto fora da favela. Há comunidades religiosas, grupos de futebol e redes de aulas particulares que vinculam os favelados com a comunidade mais ampla. Em 2006, a primeira comunidade de mídia social da favela foi criada pelo Orkut, compartilhando a seguinte frase: “esta comunidade é para você que ama, conhece ou visitou Mata Machado, ou que não consegue ficar longe dela, ou que conhece alguém que mora nela – na melhor comunidade do Alto da Boa Vista”. Hoje, evidentemente, outras ferramentas de mídias sociais expandiram a comunidade online da favela Mata Machado.

O estudo

Métodos

Nossa análise da favela Mata Machado empregou vários métodos. Informações sobre a histórias e as características da favela, mapas, fotografias aéreas, várias visitas e observações e entrevistas feitas no local foram usadas para examinar as condições sociais, físicas e ambientais da favela (Figura 5). Observações comportamentais estruturadas realizadas durante um domingo examinaram o uso social das ruas e espaços públicos da comunidade. Entrevistas em profundidade com residentes examinaram condições de moradia, satisfação, percepção de segurança, comportamento dos vizinhos e senso de comunidade, e transporte.

FIGURA 5 - Residentes observando os outros e socializando na frente de suas casas e nas mesas externas de um bar movimentado na principal via pública, num domingo à tarde..

Fonte: Vicente del Rio.



Resultados e Discussões

Observações comportamentais

Às 14h de um domingo ensolarado, demoramos um pouco mais de três minutos caminhando lentamente para percorrer aproximadamente 180m (parte do trecho é uma subida de ladeira) entre a entrada da comunidade na Estrada de Furnas e o seu “centro” – o espaço aberto maior que serve como praça principal. A via é usada por veículos e pedestres, sendo o principal acesso à favela; suas condições físicas (pouca largura, geometria irregular, veículos estacionados dos dois lados e atividade humana como mesas e cadeiras na frente de bares) limitam a circulação de veículos significativamente, gerando um tráfego “natural”. Na nossa caminhada, observamos 101 pessoas realizando atividades diferentes na via: atividades sociais e jogos (40 adultos, 15 adolescentes e oito crianças), andando (15 adultos, 10 adolescentes e 9 crianças) e paradas perto de construções, observando os transeuntes (quatro adultos). Esse resultado – obtido num período muito curto de um dia em que a maioria das pessoas não trabalha e está realizando atividades de lazer – indica que a via principal da favela também é amplamente utilizada como um espaço público essencial para a vida da comunidade.

Percepção de habitabilidade e senso de comunidade:
Aprendendo com a favela Mata Machado, Rio de Janeiro, Brasil

Perceived livability and sense of community: learning for/from favela Mata Machado, Rio de Janeiro, Brazil

Em visitas subsequentes à favela Mata Machado, percebemos padrões comportamentais similares enquanto caminhamos pelo assentamento. Algumas das atividades recorrentes dos adultos em espaços públicos eram observar os transeuntes, jogar uma partida de futebol informal na rua e sentar em bares para beber e comer (Figura 6). No caso das crianças, as atividades sociais incluíam brincar, soltar pipas e socializando. No meio da tarde, as aglomerações perto dos bares aumentaram e ficaram mais ruidosas à medida que mais cadeiras e mesas eram acrescentadas para atender ao número crescente de clientes. A grande maioria dos clientes eram homens, e o principal tema de discussão naquele dia parecia ser o futebol.

FIGURA 6 - A via pública movimentada que leva à praça no centro da comunidade, num domingo à tarde.

Fonte: Vicente del Rio.



Mapas comportamentais foram feitos para a área do acesso principal e para a praça no domingo à tarde, durante períodos de observação de cinco minutos. A área de acesso tem aproximadamente 90m de comprimento e 11m de largura, com um canteiro central ajardinado separando as duas faixas da via em diferentes níveis. No canteiro, há dois bancos cobertos por uma grande árvore, calçadas regulares nesse trecho da via e uma pequena ponte por cima do Rio Cachoeira. A via principal começa a subir uma ladeira logo depois dessa área de acesso, encurvando-se para a esquerda na direção do centro da favela e da praça. Nessa pequena área, contamos 27 pessoas (25 adultos e duas crianças), dos quais nove estavam caminhando (oito adultos e uma criança), 13 adultos e uma criança socializando (seis em pé, oito sentados), três adultos observando juntos a atividade na rua (dois em pé, um sentado) e um adulto trabalhando como vendedor na frente de sua loja.

O segundo mapa comportamental foi feito na praça, um espaço aberto irregular e triangular com aproximadamente 1800m². O projeto Favela-Bairro melhorou a área com a instalação de meios-fios e calçadas, galerias pluviais e alguns bancos e mesas perto das extremidades, que definem “subespaços”, em sua maioria sombreados. As

Percepção de habitabilidade e senso de comunidade:
Aprendendo com a favela Mata Machado, Rio de Janeiro, Brasil

Perceived livability and sense of community: learning for/from favela Mata Machado, Rio de Janeiro, Brazil

extremidades da praça são definidas por prédios residenciais e de uso misto – algumas lojas pequenas e bares – e instalações públicas – uma creche e uma escola primária administrada pela cidade, uma delegacia e a associação de residentes – que dividem um prédio de três andares com instalações particulares de ensino no topo, sendo o prédio mais alto da praça (Figuras 7 e 8). No mesmo domingo à tarde, durante nossa observação de cinco minutos, notamos 45 pessoas usando a praça: adolescentes andando (16) e sentados (dois); crianças brincando (oito) e andando (quatro); e adultos socializando em pé (seis) e sentados (quatro), ou simplesmente observando os transeuntes (quatro sentados; um em pé).

FIGURA 7 - Vista parcial da praça principal, mostrando um prédio de três andares de uso misto à direita, a escola primária administrada pela cidade e as crianças sendo guiadas da creche, numa quinta-feira à tarde.

Fonte: Vicente del Rio.



FIGURA 8 - Na praça principal, os residentes mais velhos conversam perto do prédio em que se encontra a associação dos residentes e os escritórios locais de uma fundação de obras sociais administrada pelo governo estadual, numa quinta-feira à tarde..

Fonte: Vicente del Rio.



Durante outras visitas à favela feitas durante a semana, observamos um padrão similar, mas com menos pessoas socializando e grupos menores em geral. Observamos mais pessoas ocupadas, como indo e voltando de lojas ou do trabalho, ou indo e voltando da escola com os filhos. Nos dias úteis, todas as lojas de mercadorias e serviços estavam abertas, e é possível encontrar pessoas usando os espaços públicos para suas atividades profissionais, como dois mecânicos que consertavam carros estacionados na praça principal, tendo se apropriado de parte dela como se fosse território de suas oficinas. Em uma das extremidades da praça, o escritório da associação de residentes parece sempre atrair movimento, pois observamos pessoas perto da porta – esperando ou socializando – diversas vezes.

Durante nossas visitas e observações comportamentais, nunca fomos interrompidos nem recebemos olhares hostis. Nas poucas vezes em que precisamos nos identificar e pedir permissão para tirar fotos e observar grupos mais detalhadamente, as pessoas foram solícitas e simpáticas.

Essas observações mostram que os espaços públicos da comunidade são amplamente utilizados durante o dia para circulação de pedestres e socialização. Os motivos para esse nível alto de atividade incluem:

1. Coesão social e senso de comunidade fortes;
2. A percepção dos usuários do espaço público como um lugar seguro;
3. Falta de espaço ao ar livre em suas residências;
4. A morfologia do assentamento: um número limitado de ruas, geometria irregular e vários subespaços ao longo das ruas que podem ser apropriados para usos sociais;
5. Disponibilidade limitada de espaços recreativos formais (em parte porque o espaço principal que é usado como campo de futebol foi fechado temporariamente para ser usado na construção de uma escola nova ao lado dele).

Entrevistas

Vinte residentes da comunidade Mata Machado participaram de uma entrevista em profundidade sobre como era morar lá. Eles foram selecionados aleatoriamente durante as visitas ao local ou por recomendações de outros residentes; 60% dos entrevistados eram homens, e 40% eram mulheres. Todos os participantes moravam na favela há mais de 20 anos, e 25% deles tinham nascido lá. A maioria tinha se mudado para a favela de outras partes do Rio, em vez de migrar de áreas rurais ou outras cidades.

Características da Moradia e Satisfação

Cerca de metade dos participantes das entrevistas morava em casas dentro da comunidade Mata Machado, enquanto os outros moravam em apartamentos ou alugavam partes de casas. A definição de casa na favela é confusa devido ao relacionamento orgânico entre as residências. Na maioria dos casos, o residente ou um membro de sua família era proprietário do local onde ele morava. 75% das residências tinham crianças. Metade dos entrevistados morava em residências de 3 a 5 pessoas, um terço dos entrevistados morava em residências de 6 a 10 pessoas, e o restante das residências continha até 17 membros. Assim como em outras favelas, e como mostram os dados demográficos, a densidade residencial é considerável.

Um conjunto de quatro perguntas desenvolvidas por Francescato et al (1979) foi utilizado para medir a satisfação com a moradia, e as respostas obtidas revelaram um alto nível de satisfação com os lares e com a comunidade em termos de condições de vida e de segurança. Noventa por cento dos residentes disseram que estavam satisfeitos ou muito satisfeitos morando na favela Mata Machado. Noventa por cento também disseram que não planejavam sair da favela ou que planejavam morar lá para sempre; um residente comentou que “eu só me mudo se ganhar na loteria”. Então, perguntou-se se eles se mudariam para um tipo de comunidade semelhante caso se mudassem. Quarenta por cento dos residentes disse que se mudaria para um tipo semelhante de

comunidade, enquanto o restante se dividiu, com alguns dizendo que se mudariam para uma área rural em vez de continuar a morar o Rio. Ademais, 75% dos residentes disseram que recomendariam morar na comunidade para amigos ou familiares.

Uma série de perguntas foi feita para os residentes sobre a percepção de segurança que eles têm na favela. Todos disseram que sentiam segurança morando na comunidade, e a maioria disse que sentia muito segurança morando lá. Um dos residentes disse: “aqui, eu posso deixar uma criança brincar na rua”. Eles se sentiam seguros enquanto estavam sozinhos na comunidade, tanto de dia quanto de noite. Além disso, todos os residentes achavam a favela segura em comparação a outras comunidades da cidade. Nossa equipe teve a mesma percepção de segurança durante o nosso trabalho de campo, e dados existentes confirmam que a favela tem poucos problemas relacionados a crimes e drogas.

Comunidade

Com base nas entrevistas, dois tipos de informações foram coletados a respeito de questões da comunidade. O primeiro conjunto de perguntas examinava o comportamento dos residentes na comunidade, incluindo perguntas sobre onde as pessoas iam e que tipos de atividades realizavam. O segundo conjunto de perguntas examinava o senso psicológico de comunidade dos residentes. Essas perguntas se basearam no modelo de senso de comunidade de McMillan e Chavis (1986), incluindo medidas da conexão emocional das pessoas com a comunidade e a capacidade que elas tinham de influenciar os vizinhos e trabalhar com eles. Ademais, observações comportamentais foram usadas para documentar o uso dos espaços públicos na favela.

O primeiro conjunto de perguntas comportamentais sobre a comunidade examinou onde as pessoas interagiam. Quando se perguntou “para que lugares da comunidade você costuma ir?”, cerca de metade dos participantes mencionou espaços públicos ao ar livre como a praça, outros espaços ao ar livre e vias públicas. O restante das respostas dividiu-se entre lugares privados (as casas das pessoas), espaços públicos fechados (como templos e centros comunitários) e lugares comerciais (principalmente bares, que são lugares fechados que se estendem para as ruas). Quando perguntamos onde as pessoas da comunidade costumam se encontrar, as respostas foram consideravelmente similares, com metade dos residentes mencionando espaços públicos abertos e o restante das respostas se dividindo entre espaços públicos fechados e lugares comerciais. Quando se perguntou onde as pessoas costumavam encontrar os amigos, as duas respostas principais foram lugares públicos ao ar livre e residências particulares.

O segundo conjunto de perguntas sobre o comportamento comunitário examinou os tipos e locais de várias atividades. Os residentes da comunidade usam as áreas florestadas naturais, assim como o parque nacional da Floresta da Tijuca, para recreação. A comunidade tem vários espaços públicos pequenos chamados de largos (alargamentos “espontâneos” das vias públicas), algumas árvores nas ruas e, claro, a popular praça central. A maioria (70%) das atividades de lazer das pessoas ocorrem em ambientes internos – em casa ou na igreja. Essas atividades incluíam ver televisão, artesanato e socializar com outros. Atividades de lazer ao ar livre incluíam socializar com os outros em lugares públicos ou recreação na praia, na floresta ou no campo de futebol. Cerca de metade dos residentes frequentavam a igreja regularmente, e cerca de um terço deles participavam de outras atividades da igreja. As igrejas deles são dentro da favela.

la ou perto da comunidade, sendo possível ir a pé. Cerca de um terço dos residentes participam da associação de residentes ou participou no passado. O fato de que a associação dos residentes cobra uma modesta taxa anual pode explicar o baixo nível de participação. Além disso, os residentes da favela confiam no fato de que a associação cuida dos problemas da comunidade – um fato provado pela história da comunidade – então eles sentem menos necessidade de participar ativamente. Setenta e cinco por cento dos residentes têm filhos. A maioria das crianças estuda em escolas perto da favela ou em bairros exteriores. Quase todas as crianças brincam dentro das favelas, nos espaços públicos (como na rua ou no campo de futebol) ou na casa de amigos.

Os resultados das entrevistas foram confirmados pelas observações comportamentais. Havia uma quantidade substancial de atividade nas ruas e nos espaços públicos. A quantidade de atividade social pública era consideravelmente maior na favela do que em muitas áreas residenciais da cidade – e certamente maior do que em condomínios fechados. Muitos dos lugares de reunião da comunidade eram espaços públicos ao ar livre ou bares e restaurantes abertos para a rua. Em geral, essas medidas de comportamento mostram uma comunidade em que a maioria dos residentes socializa dentro da própria comunidade e se envolve regularmente em atividades comunitárias.

A entrevista continha uma série de perguntas que examinava o senso psicológico de comunidade dos residentes. A maioria dos residentes (75%) sentia que as pessoas da comunidade eram como uma grande família; nas palavras de um residente “ninguém se muda daqui... todos nós nos conhecemos”. Todos os residentes afirmaram que tinham amigos na comunidade com quem poderiam contar, e a maioria achava que tinha muitos amigos com quem poderiam contar. Cerca de 2/3 dos residentes se achavam capazes de influenciar o que acontecia na comunidade. Menos da metade dos entrevistados afirmou que eles se reuniam com frequência com os vizinhos para resolver problemas da comunidade. As razões para não trabalhar regularmente nos problemas da comunidade com os vizinhos incluem aversão pelo envolvimento com política, falta de problemas comunitários relevantes e a crença de que outros já se encarregavam da solução dos problemas. Quase 90% dos residentes sentia uma conexão emocional com a comunidade. Em geral, os resultados demonstram um forte senso psicológico de comunidade entre os residentes da favela.

Sustentabilidade Ambiental

Transporte é uma parte importante da sustentabilidade ambiental. Como esperado, as entrevistas mostraram que somente 25% dos participantes tinham carros, e todos disseram que o tipo de transporte que usavam com mais frequência eram os ônibus. Somente 20% costuma fazer compras dentro da comunidade ou perto dela, e a maioria costuma ir para grandes supermercados em outras partes da cidade porque os preços são mais baratos do que nas lojas locais, e muitos deles expressaram o desejo de que houvesse um supermercado grande perto da comunidade. A maioria deles vai até o supermercado de ônibus, mas alguns residentes pegam caronas com os amigos. Cerca de 2/3 dos residentes vão para o trabalho de ônibus, enquanto o restante vai a pé. Para a recreação fora da favela, cerca de 2/3 deles usam ônibus, e o restante usa carros ou vai a pé.

A sustentabilidade ambiental também foi examinada por observações e análises dos aspectos físicos da favela. Evidentemente, devido à pobreza, o uso de energia e de outros recursos é relativamente baixo. O desenvolvimento na favela é compacto, com alta densidade residencial e uma mistura completa de usos da terra, incluindo residências, pequenas lojas, oficinas, fábricas familiares de fundo de quintal, pequenos templos e algumas construções públicas. Devido a esse desenvolvimento compacto, aos becos e ruas estreitas, e ao terreno íngreme, o meio de transporte mais popular na favela é a caminhada; alguns residentes usam bicicletas e pequenas motocicletas. As linhas de ônibus para o centro e para a Barra da Tijuca – onde muitos residentes trabalham e fazem compras – passam pela Estrada de Furnas e param na entrada principal da comunidade, de onde os residentes têm fácil acesso a pé a todas as partes da favela.

Entre os vários problemas de infraestrutura da comunidade, o mais sério era a coleta de esgoto, mesmo depois que a cidade instalou uma rede de canos coletores na comunidade. Como a agência estadual de saneamento básico não instalara um sistema de esgoto na vizinhança que cerca a comunidade, o novo sistema da favela descartava o material no rio local (Figura 6.09). Os residentes tinham ciência desse problema, mas também sabiam que uma solução definitiva dependia das inconstantes políticas municipais e estaduais. O lixo não representava um problema muito grande, pois a cidade o coleta regularmente, mas os residentes precisam levar o lixo até recipientes perto de uma via pública onde passam os caminhões. Infelizmente, o rio ainda serve de depósito de lixo para algumas pessoas.

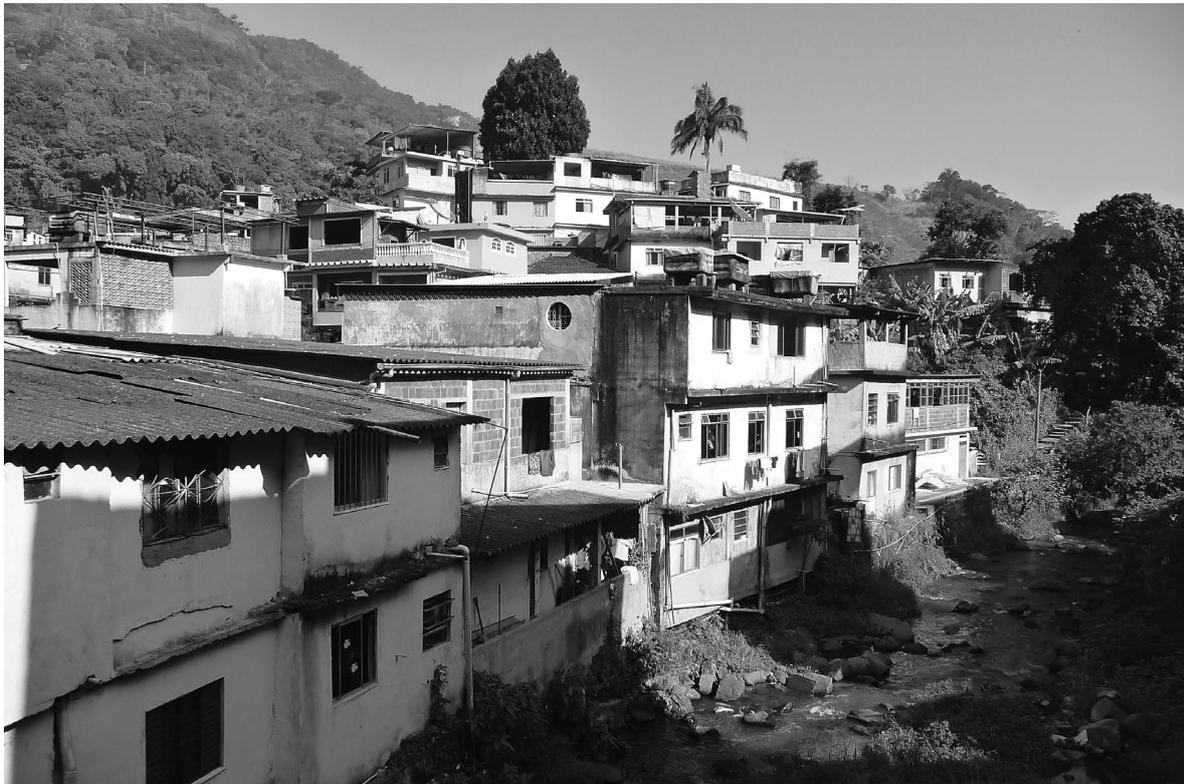


FIGURA 9 - O rio Cachoeira percorre a comunidade Mata Machado, perto da Estrada de Furnas. Apesar da instalação de sistemas de esgoto e de galerias pluviais na favela, eles nunca foram conectados ao sistema regional da cidade e continuam desembocando no rio.

Fonte: Vicente del Rio.

Em geral, a comunidade Mata Machado recebe uma avaliação mista sobre sua sustentabilidade ambiental: a comunidade é densa, de uso misto, e seu transporte é feito mais por ônibus ou a pé, mas ela sofre imensamente com a falta de um sistema adequado de tratamento e coleta de esgoto. Certamente, um dos indicadores mais importantes da sustentabilidade ambiental é o fato de que a favela está estável há muito tempo, tendo parado de invadir a floresta que a cerca – esse controle é exercido, em certo nível, pela própria comunidade.

Visão de Mundo dos Residentes

Geertz (1978) define visão de mundo como o conjunto de valores morais, éticos e estéticos de um dado grupo social. Por ser uma parte essencial da cultura humana, entender a visão de mundo de um grupo social específico pode ajudar a explicar os comportamentos, cognições e atitudes que moldam as vidas sociais do grupo. Quando um grupo social é composto de indivíduos com visões de mundo diferentes, o conflito é inevitável. Por outro lado, quando um grupo social tem a mesma visão de mundo, suas aspirações, expectativas e reações relacionadas às dificuldades cotidianas funcionam como um cimento social; o lugar em que as pessoas moram é considerado um fator que auxilia a comunidade eficaz.

Na comunidade Mata Machado, houve um alto nível de concordância nas três perguntas da entrevista que abordavam as expectativas que os entrevistados tinham para si mesmo e seus filhos: a) O que constituiria uma vida melhor para você?; b) Como você gostaria que seus filhos estivessem vivendo daqui a dez anos?; e c) O que você pode fazer para alcançar esse objetivo?

A maioria dos entrevistados (45%) atribuía muito valor à dignificação do trabalho como forma de enriquecimento, não apenas do ponto de vista econômico, mas também do ponto de vista moral. Para os residentes, a dignidade de um homem é demonstrada pelo seu trabalho, e seu futuro sucesso está relacionado a um trabalho estável e líderes políticos éticos – 25% dos entrevistados enfatizou a importância de tomar decisões políticas corretas. Para seus filhos, os residentes falaram sobre continuidade. Eles queriam que seus filhos seguissem suas ideias e dessem continuidade aos seus projetos de vida, completando a construção da vida que os residentes mais antigos começaram quando se mudaram para a região. Eles esperavam que seus filhos alcançassem os objetivos dos pais por meio de uma educação de qualidade que garantiria acesso ao trabalho (50% das respostas). Os residentes também expressaram a importância de se comunicar com os filhos e de serem modelos para eles, a fim de complementar a educação que eles recebem na escola (40% dos entrevistados).

O fato de que a favela nunca tinha sido despejada pelas autoridades foi mencionado em quase todas as respostas dos entrevistados (80%) para essas três perguntas como um fator importante para a geração de uma comunidade forte e para a continuidade da educação dos filhos, e também como uma base na busca de um trabalho digno. Eles reconhecem a comunidade como um lugar que fornece a segurança e o afeto necessários para sustentar uma convivência tranquila e preparar a vida das gerações futuras.

Avaliação Geral da Favela

Pedi-se que os residentes listassem as três coisas de que mais e menos gostavam na comunidade. Entre as coisas de que eles gostavam, as respostas mais frequentes foram o senso de comunidade entre os residentes, o ambiente natural que cercava a favela e a tranquilidade do lugar. Outras respostas positivas incluíam a organização da comunidade, segurança, transporte e a casa deles. As coisas de que eles menos gostavam tinham a ver com a falta de serviços que deviam ser fornecidos pelo setor público (como esgoto e água potável, clínicas de saúde e escolas) e com a falta de instalações privadas na favela (como mercados, farmácia, teatro e banco). Outras respostas negativas mencionaram baldeações inadequadas dos ônibus, questões sociais e problemas de manutenção.

Conclusões

Uma favela é um bom exemplo para enxergar a qualidade de vida do ponto de vista transacional, que foca no relacionamento ou adequação entre as pessoas e o ambiente delas; é um ambiente altamente habitável. Os resultados do nosso estudo na favela Mata Machado revelaram altos níveis de satisfação com a moradia e de percepção de segurança, um forte senso de comunidade, um sistema social vibrante e um estilo de vida sustentável. De uma perspectiva sustentável, a favela é um ambiente compacto e denso com usos mistos da terra; ela tem áreas naturais em seu interior e nos arredores; e os residentes dependem de opções de transporte sustentáveis.

Assim como em outras favelas, na comunidade Mata Machado os primeiros ocupantes se depararam com muitos desafios difíceis, e, na falta de alternativas, eles se uniram para assumir o controle da situação. Ao longo dos anos, os residentes criaram sistemas sociais e físicos que fornecem um ambiente habitável que atende às necessidades dos residentes, pois eles evoluíram em função dessas necessidades. O ambiente também é sustentável porque os residentes têm escolhas limitadas – eles são pobres e seu desenvolvimento foi restrito. Por trabalharem com as limitações de forças sociais, econômicas e ambientais, os residentes criaram um ambiente habitável que coexiste bem com o ambiente ao redor. Da mesma maneira, os residentes desenvolveram uma comunidade altamente coesa devido à necessidade de apoio social, segurança e proteção contra forças externas.

Uma favela não é um ambiente desenhado, mas sim um ambiente em evolução. Na favela Mata Machado, os residentes construíram o lugar deles ao longo de várias décadas usando arquitetura vernacular, os materiais disponíveis e os desejos e habilidades dos residentes. Eles criaram um ambiente que é adequado às suas necessidades de maneira singular, apesar de serem pobres e terem enfrentado resistência externa em vez de apoio. No processo de criação do ambiente, os favelados criaram sistemas organizacionais e sociais coesos para auxiliar no processo de construção, prover segurança e apoio social para os residentes e lidar com o ambiente externo. Os ambientes físico e social foram criados juntos no mesmo processo, apoiando-se mutuamente durante o desenvolvimento do assentamento.

O resultado desse processo de desenvolvimento é uma favela que provê uma moradia satisfatória para pessoas de baixa renda, segurança e apoio social para os residentes,

e um forte sistema comunitário. O que falta no lugar, e os principais problemas dos residentes, são coisas que não estão sob seu controle. O local não tem infraestrutura adequada, como tratamento de esgoto, porque o governo não se dispôs a provê-lo. Também não há desenvolvimento comercial suficiente porque a população da comunidade é pequena demais para sustentar grandes lojas sozinha.

De algumas maneiras, o desenvolvimento da comunidade Mata Machado parece ser oposto ao Novo Urbanismo ou a várias orientações de habitabilidade desenvolvidas por planejadores e designers. Essas regras se baseiam na “crença na força do desenho” (Brower 2005) – a presunção de que, se aqueles encarregados do desenvolvimento seguirem os procedimentos “corretos”, os residentes terão um ambiente com qualidade de vida e altos níveis de satisfação com moradia, segurança, comunidade e sustentabilidade. Nosso estudo sugere que, apesar de uma favela ter características físicas que provavelmente não seriam reconhecidas pelos adeptos do novo urbanismo, ela é capaz de criar um ambiente altamente habitável sem as qualidades que eles dizem que toda cidade deveria ter. Em vez de deixar os especialistas determinarem como eles devem viver, os residentes da favela criam um ambiente habitável apropriado para a situação pessoal, social, cultural e ambiental específica da comunidade. Foi o processo de criação que ajudou a desenvolver o sistema ambiental e social que torna a favela uma comunidade tão forte e um ambiente habitável.

Agradecimentos

Os autores gostariam de agradecer ao arquiteto Rodrigo Sgarbi por ter desenhado os mapas de base e por sua ajuda nos estudos de campo. Também gostaríamos de agradecer ao professor Sidney Brower por seus comentários sobre uma versão inicial do texto.

Referências

- Altman, I. and Rogoff, B. (1987) **World Views in Psychology: trait, interactional, organismic, and transactional perspectives**, in I. Altman and D. Stokols (eds.) *Handbook of Environmental Psychology* volume 1: 7-40, New York: Wiley-Interscience.
- AIA - American Institute of Architects (2005). **Livability 101: What Makes a Community Livable**, <http://www.aia.org/liv2_template.cfm?pagename=liv_liv101> (consulta em 15/08/08).
- Amerigo, M. and Aragonés, J. (1997) **A theoretical and methodological approach to the study of residential satisfaction**, *Journal of Environmental Psychology* 17, 47-57.
- Azevedo, S. (1990) **Housing Policy in Brazil: 1964-1986**, paper presented in the Housing Debates / Urban Challenges Conference, Paris.
- Bell, P., Greene, T., Fisher, J. and Baum, A. (2001) **Environmental Psychology**, 5th edition, Mahwah, NJ: Lawrence Erlbaum Associates.
- Berke, P; Godschalk, D. and Kaiser, E. (2006) **Urban Land Use Planning**, 5th edition, Chicago: University of Illinois Press.

Bressi, T. W. (1994) "Planning the American Dream", in P. Katz (ed.) **The New Urbanism: toward and architecture of community**, New York: McGraw Hill.

Brower, S. (2005) "Community-Generating Neighborhoods", in B. Martens and A. Alexander (eds.) **Designing for Social Innovation: Planning, Building, Evaluating**, Cambridge, MA: Hogrefe and Huber.

Brower, S. (1996) **Good Neighborhoods: A study of in-town and suburban residential environments**. Westport, CN: Praeger.

Brown, B. and Cropper, V. (2001) "New urban and standard suburban subdivisions: evaluating psychological and social goals", *Journal of the American Planning Association* 67(4), 402-19.

Cavallieri, F. and Lopes, G. P. (2008) **Índice de Desenvolvimento Social – Comparando as Realidades Microurbanas da Cidade do Rio de Janeiro**. Rio de Janeiro: Instituto Pereira Passos, Prefeitura da Cidade do Rio de Janeiro.

Cavallieri, F. and Oliveira, S. (2006) **A Melhoria das Condições de Vida dos Habitantes de Assentamentos Precários do Rio de Janeiro – Uma Avaliação Preliminar da Nota 11 dos Objetivos do Milênio**. Rio Estudos # 234. Rio de Janeiro: Instituto Pereira Passos / Secretaria de Urbanismo, Prefeitura da Cidade do Rio de Janeiro.

Cunha, M. B. A. M. da (2002) "Perfil Sócio Econômico das Favelas da Cidade do Rio de Janeiro", paper presented at the 15th ENESTE - Meeting of Students of Statistics, Natal RN, Brazil, July 2000. Online. Disponível HTTP: <<http://www.iets.org.br/biblioteca>> (acesso em 10 de agosto de 2008).

del Rio, V. (2009) "Introduction: Historical Background", in V. del Rio and W. Siembieda (eds.) **Contemporary Urbanism in Brazil: Beyond Brasilia**, Gainesville: University Press of Florida.

del Rio, V. (2005) "Favelas", in R. Caves (ed.) **Encyclopedia of the City**, Routledge: Abington, OX.

Duarte, C. R. and Magalhães, F. (2009) "Upgrading Squatter Settlements into City Neighborhoods: the Favela-Bairro program in Rio de Janeiro", in V. del Rio and W. Siembieda (eds.) **Contemporary Urbanism in Brazil: Beyond Brasilia**, Gainesville: University Press of Florida.

Duarte, C. R. and Brasileiro, A. (2001) "A Volta da Política da Bica D'Água: Uma experiência de urbanização de favela no Rio de Janeiro", in A. Martins and M. de Carvalho (eds.) **Novas Visões: fundamentando o espaço arquitetônico e urbano**, Rio de Janeiro: Book Link.

Duarte, C. R., Brasileiro, A., Costa, L. M., Soares, F. F., Silva, O. S., and Rolemberg, L. C. et al (1995) **Diagnóstico de Mata Machado - Programa Favela-Bairro**. Project report. Rio de Janeiro: IPLANRIO, Prefeitura da Cidade do Rio de Janeiro.

Evans, G., Lepore, S. and Schroeder, A. (1996) "The role of interior design elements in human responses to crowding", *Journal of Personality and Social Psychology* 70, 41-6.

Fabricius, D. (2008) **Resisting Representation: The informal geographies of Rio de Janeiro**, *Harvard Design Magazine* 28: 4-17.

Fernandes, E. (2007) **Constructing the 'Right to the City' in Brazil**, *Social Legal Studies* 6(2): 201-19.

Francescato, G.; Weidemann, S.; Anderson, J. and Chenoweth, R. (1979) **Residents' satisfaction in HUD-assisted housing: Design and management factors**, Washington, D.C.: U.S. Department of Housing and Urban Development.

Percepção de habitabilidade e senso de comunidade:

Aprendendo com a favela Mata Machado, Rio de Janeiro, Brasil

Perceived livability and sense of community: learning for/from favela Mata Machado, Rio de Janeiro, Brazil

- Frank, L., Engelke, P. and Schmid, T. (2003) **Health and Community Design**, Washington, DC: Island Press.
- Geertz, C. (1977) **The Interpretation of Cultures**, New York: Basic Books.
- Gutberlet, J. and Hunter, A. (2008) **Social and Environmental Exclusion at the Edge of São Paulo, Brazil**, **Urban Design International** 13, 3-20.
- Jabareen, Y. (2006) "Sustainable Urban Forms: their typologies, models, and concepts", **Journal of Planning Education and Research** 26, 38-52.
- Katz, P. (1994) "Preface", in P. Katz (ed.) **The New Urbanism: toward an architecture of community**, New York: McGraw Hill.
- Kuo, F., Bacaicoa, M. and Sullivan, W. (1998) "Transforming Inner-City Landscapes: trees, sense of safety, and preference", **Environment and Behavior** 30, 28-59.
- Leeds, A. (1969) "The Significant Variables Determining the Character of Squatter Settlements", **America Latina** 12(3), 44-86.
- Leeds, A. and Leeds, E. (1978) **A Sociologia do Brasil Urbano**, Rio de Janeiro: Zahar.
- Lopes, G., Amorim, V. and Cavallieri, F. (2011) **Favelas Cariocas: Comparação de Áreas Ocupadas 2004-2011**. Rio de Janeiro: Instituto Pereira Passos / Secretaria de Urbanismo, Prefeitura da Cidade do Rio de Janeiro.
- Lopes, G. and Cavallieri, F. (2006) **Favelas Cariocas: Comparação de Áreas Ocupadas 1999-2004**. Rio de Janeiro: Estudos # 233. Rio de Janeiro: Instituto Pereira Passos / Secretaria de Urbanismo, Prefeitura da Cidade do Rio de Janeiro.
- Mangin, W. (1967) "Latin American Squatter Settlements: a problem and a solution", **Latin American Research Review** 2, 65-98.
- McMillan, D. and Chavis, D. (1986) "Sense of Community: a definition and theory", **American Journal of Community Psychology** 14(1), 6-23.
- Nasar, J. and Julian, D. (1995) "The Psychological Sense of Community in the Neighborhood", **Journal of the American Planning Association** 61(2), 178-84.
- Neuwith, R. (2005) **Shadow Cities: A Billion Squatters, a New Urban World**, New York: Routledge.
- Neuwith, R. (2000) "Letter from Brazil", **The Nation** 271(2), 29-31.
- Patterson, P. and Chapman, N. (2004) "Urban Form and Older Residents' Service Use, Walking, Driving, Quality of Life, and Neighborhood Satisfaction", **American Journal of Health Promotion** 19(1), 45-52.
- Perlman, J. (2010) **Favela – Four Decades of Living on the Edge in Rio de Janeiro**, Oxford: Oxford University Press.
- Perlman, J. (2003) "The Chronic Poor in Rio de Janeiro: what has changed in 30 Years?", paper presented at the Conference on Chronic Poverty in **Manchester, England**, April 7-9, 2003. Online. Disponível HTTP: <http://www.megacitiesproject.org/Chronic_Poor_in_Rio_30years.pdf> (acesso 24 de agosto de 2009).
- Perlman, J. (1976) **The Myth of Marginality: urban poverty and politics in Rio de Janeiro**, Berkeley: University of California Press.
- Pino, J. C. (1997). **Family and Favela: The Reproduction of Poverty in Rio de Janeiro**, Westport, Conn.: Greenwood.
- Sanders, I. T. (1966). **The Community: An Introduction to a Social System**, New York: Ronald Press.

Percepção de habitabilidade e senso de comunidade:

Aprendendo com a favela Mata Machado, Rio de Janeiro, Brasil

Perceived livability and sense of community: learning for/from favela Mata Machado, Rio de Janeiro, Brazil

Soares, F. F. (1999) **A Favela e a Floresta: Um Estudo das Relações entre Homem e Meio-Ambiente - O caso Mata Machado**, unpublished MSc thesis, Rio de Janeiro: Programa de Pós-Graduação em Urbanismo, Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade Federal do Rio de Janeiro.

Talen, E. (1999) "Sense of community and neighborhood form: An assessment of the social doctrine of New Urbanism", **Urban Studies** 36(8), 1361-79.

Taylor, R., Gottfredson, S. and Brower, S. (1984) "Understanding block crime and fear", **Journal of Research in Crime and Delinquency** 21, 303-31.

Turner, J. (1969) "Uncontrolled Urban Settlement: problems and policies", in G. Breeze (ed.; 1972) **The city in newly developed countries: readings on urbanism and urbanization**, Englewood Cliffs, New Jersey: Prentice Hall.

Ulrich, R. (1984) "View through a window may influence recovery from surgery", **Science** 224, 420-21.

Unger, D. and Wandersman, A. (1985) "The Importance of Neighbors: the social, cognitive, and affective components of neighboring", **American Journal of Community Psychology** 13(2), 139-69.

Valladares, L. do P. (2005) **A Invenção da Favela: do mito de origem a favela.com**, Rio de Janeiro: Editora FGV.

Wilson-Doenges, G. (2000) "An Exploration of Sense of Community and Fear of Crime in Gated Communities", **Environment and Behavior** 32(5), 597-611.

DATA DE SUBMISSÃO DO ARTIGO: 10/12/2017 APROVAÇÃO: 20/12/2017

RESPONSABILIDADE INDIVIDUAL E DIREITOS AUTORAIS

A responsabilidade da correção normativa e gramatical do texto é de inteira responsabilidade do autor. As opiniões pessoais emitidas pelos autores dos artigos são de sua exclusiva responsabilidade, tendo cabido aos pareceristas julgar o mérito e a qualidade das temáticas abordadas. Todos os artigos possuem imagens cujos direitos de publicidade e veiculação estão sob responsabilidade de gerência do autor, salvaguardado o direito de veiculação de imagens públicas com mais de 70 anos de divulgação, isentas de reivindicação de direitos de acordo com art. 44 da Lei do Direito Autoral/1998: "O prazo de proteção aos direitos patrimoniais sobre obras audiovisuais e fotográficas será de setenta anos, a contar de 1º de janeiro do ano subsequente ao de sua divulgação".

O CADERNOS PROARQ (issn 1679-7604) é um periódico científico sem fins lucrativos que tem o objetivo de contribuir com a construção do conhecimento nas áreas de Arquitetura e Urbanismo e afins, constituindo-se uma fonte de pesquisa acadêmica. Por não serem vendidos e permanecerem disponíveis de forma *online* a todos os pesquisadores interessados, os artigos devem ser sempre referenciados adequadamente, de modo a não infringir com a Lei de Direitos Autorais.